

“Simpatizantes de Evo”: estudo da cobertura do jornal *Página Siete* durante os massacres de Sacaba e Senkata na Bolívia em 2019¹

“Evo’s supporters”: survey of *Página Siete* news coverage during the Sacaba and Senkata killings in Bolivia, 2019

Michael de Souza Esquer²
Bruno Bernardo de Araújo³

Resumo: Este trabalho integra um trabalho de conclusão de curso que teve como objetivo analisar os enquadramentos dados pelo *Página Siete*, um dos principais jornais da Bolívia, às vítimas dos massacres de Sacaba e Senkata durante a ruptura democrática boliviana de 2019. Naquele ano, o presidente indígena Evo Morales foi forçado a renunciar e a deputada de direita Jeanine Añez se autoproclamou presidente interina do país com o apoio das Forças Armadas e de parte da imprensa. Nos dois massacres, indígenas que protestavam contra os ataques e abusos do governo interino sofreram com a violência brutal das forças estatais bolivianas. A truculência resultou na morte de pelo menos 20 indígenas.

Palavras-Chave: Bolívia. Enquadramento. América Latina.

Abstract: This paper is part of a final course assignment that aimed to analyse the framing given by *Página Siete*, one of the main Bolivian newspapers, to victims of the Sacaba and Senkata killings during the Bolivian democratic rupture of 2019. That year, indigenous president Evo Morales was forced to renounce and the conservative right-wing Bolivian senator Jeanie Añez declared herself interim president with Army Forces and press support. In both killings, indigenous protesting against attacks and abuses of the interim government suffered from the brutal violence of Bolivian state forces. The truculence led to the death of at least 20 indigenous.

Keywords: Bolivia. Framing. Latin America.

¹ Trabalho apresentado na sessão “Comunicação e crises políticas” de Trabalho de Graduação IC da 10ª Edição do Congresso da Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação e Política (10ª COMPOLÍTICA), realizado na Universidade Federal do Ceará (UFC), 09 a 10 de maio de 2023.

² Graduado em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). E-mail: michaellesquer@icloud.com

³ Professor do Departamento de Comunicação da Universidade Federal de Mato Grosso. Doutor em Comunicação pela Universidade de Brasília. E-mail: brrunoaraujo@gmail.com

1. Introdução

O Estado Plurinacional da Bolívia protagonizou episódios de repressão e violência durante a ruptura democrática⁴ de 2019, quando o presidente indígena Evo Morales, do partido Movimento ao Socialismo (MAS), teve que renunciar à presidência após ter sido reeleito para um quarto mandato. O episódio se deu após manifestações violentas de opositores à gestão de Morales e por ordem das Forças Armadas. A violência mencionada ocorreu especialmente contra indígenas em diferentes regiões do país. Em vários desses casos, foram protagonistas opositores de Morales e as próprias forças estatais bolivianas, sob o comando do governo interino autoproclamado da então senadora de direita e conservadora Jeanine Añez. Também houve relatos de políticos e filiados do MAS vítimas de grupos que se manifestavam contra Evo e sua reeleição para um quarto mandato.

Este trabalho analisa dois episódios dessa onda de violência considerados os mais trágicos da crise daquele ano: o massacre de Sacaba e Senkata. Caracterizada como regiões de predominância indígena, Sacaba e Senkata foram palco de expressivo número de manifestações contra o governo interino de Añez. Os dois sítios foram alvos da força desproporcional da força estatal boliviana por conta disso. Ao menos 20 indígenas morreram e outros centenas ficaram feridos, mas não houve baixas entre as Forças Armadas ou na Polícia Boliviana. Os manifestantes não estavam armados com armas letais e, por isso, os episódios são considerados massacres. A violência motivou a elaboração de relatórios nacionais e internacionais que constataram a desproporcionalidade do uso da força estatal contra os indígenas.

De acordo com estudo realizado pela Clínica Internacional de Direitos Humanos (IHRC, da sigla em inglês) da Faculdade de Direito de Harvard e a Rede Universitária para os Direitos Humanos (UNHR, da sigla em inglês), foram encontradas evidências credíveis de que as forças estatais se envolveram no uso desproporcional da força, usando munição real contra civis:

⁴ Por envolver as Forças Armadas, que no caso em tela pediu que Morales renunciasse à presidência da Bolívia, o evento aqui narrado também pode ser classificado como Golpe de Estado em sentido clássico.

Militares e policiais usaram linguagem racista e anti-indígena durante encontros violentos com civis; e autoridades criaram uma atmosfera de medo em hospitais, levando vítimas a evitar a busca por cuidado médico por conta da preocupação (ALVELAIS ET AL, 2020, p. 9, tradução nossa).

Neste contexto, este trabalho busca analisar os enquadramentos construídos pelo jornal *Página Siete*, com ênfase nos seus participantes, acerca dos massacres nos dias 15 e 19 de novembro de 2019, que correspondem, respectivamente, ao massacre de Sacaba e Senkata. O trabalho busca, especialmente, responder à pergunta “que enquadramentos foram dados pelo *Página Siete* a manifestantes contrários a Añez durante os massacres?” para entender a abordagem atribuída pelo jornal a esse grupo de manifestantes. O interesse se dá, sobretudo, por serem deste grupo as vítimas dos massacres, e não dos grupos contrários a Morales.

O estudo utiliza uma identificação dos enquadramentos jornalísticos criados pelo *Página Siete* para significar os eventos. Trabalhamos com a abordagem de enquadramento de Robert Entman (1993), para quem enquadrar é tornar partes de uma informação mais importante do que outra para a audiência, o que por sua vez também orienta a forma de interpretação. Entman (1993) argumenta *frames* (quadros) utilizados em uma cobertura destacam informações sobre um assunto, através da colocação, repetição ou através da associação de símbolos culturalmente familiares. O enquadramento surge neste trabalho como um conceito e como um operador analítico que orienta o olhar sobre o material jornalístico que será analisado.

2. Contexto social e político da Bolívia

O conceito de “sociedade abigarrada” do sociólogo boliviano René Zavaleta Mercado (1983, tradução nossa) entende que a Bolívia tem uma formação abigarrada, onde se sobrepõem épocas econômicas sem muita combinação. Como se houvesse um país no feudalismo e outro do capitalismo, sobrepostos e não combinados (MERCADO, 1983, tradução nossa).

Para Mercado (1983, tradução nossa), a Bolívia congrega diferentes populações e, por isso, não é apenas a escassez de estatísticas confiáveis que dificulta a análise empírica do país, mas também a sua própria falta de unidade convencional.

Para Boff e Franco (2021), o próprio avanço e queda de Evo Morales, entre 2006 e 2019, se dá por conta da não superação desse abigarramento da sociedade boliviana, apesar dos avanços econômicos, sociais e institucionais. Isso porque permanecem latentes “choques de mundos” dentro do país (BOFF E FRANCO, 2021, p.541). Ou seja, o atrito entre elite e povos indígenas, sendo esse último protagonista de um processo de visibilização iniciado com a gestão de Morales. Importante considerar que essa inversão de políticas pode ser também um dos motivos do ressentimento que se radicalizou entre opositores de Morales em 2019 ao protagonizarem atos de violência contra apoiadores indígenas do então presidente.

Trejo (2002, tradução nossa) explica que em vários países da América Latina a repressão do Estado às manifestações etno-camponesas está ligada à memória e ao medo histórico das elites das antigas rebeliões indígenas. Essa afirmação ajuda a entender o papel das Forças Armadas e Polícia Boliviana na ocorrência dos massacres de Sacaba e Senkata, na Bolívia, mas também em outros países onde episódios semelhantes também foram registrados contra indígenas.

2.1 A ruptura democrática

Os bolivianos elegeram o seu primeiro presidente indígena em 2005. A vitória de Evo Morales, do povo indígena Aymara, representou uma transição nos quase vinte anos de aplicação de conceitos neoliberais⁵ no país (RANINCHESKI E SILVA, 2012, tradução nossa); onde indicadores sociais e econômicos e demandas populares por mudanças e uma maior possibilidade de inserção política tinham sido constantemente ignorados (PAZOS, 2007, apud RANINCHESKI E SILVA, 2012, tradução nossa). A ascensão de Morales ao poder emerge de um cenário de instabilidade política, que antecede aquele ano, como resultado do acúmulo de insatisfação com as políticas de privatização de recursos (DE ALCÂNTARA BENITES; ROSA; SEBEN, 2021). Outros episódios também foram importantes para a construção de uma conjuntura favorável

⁵ De acordo com De Alcântara Benites, Rosa, Seben (2021), a Bolívia passa a executar uma série de políticas de privatização de recursos, seguindo os moldes neoliberais, com a restauração da democracia a partir da década de 1980.

a Morales. Um exemplo disso são a Guerra da Água e a Guerra do Gás, provocadas por conta da tentativa de privatização desses recursos em Cochabamba, o que desencadeou protestos em todo o país (RANINCHESKI E SILVA, 2012, tradução nossa). Os episódios provocaram a destituição do presidente Sánchez Lozada, em 2003, e de Carlos Mesa, seu vice-presidente, em 2005 (BAUSTISTA, 2005, apud DE ALCÂNTARA BENITES; ROSA; SEBEN, 2021).

O MAS representou uma alternativa ao sistema da democracia pactuada, dominada por partidos tradicionais (RANINCHESKI E SILVA, 2012, tradução nossa). Ao mesmo tempo, Morales representou o marco de um extenso processo de visibilidade dos povos indígenas bolivianos, depois de séculos de invisibilidade histórica, iniciada ainda no período colonial (PAZOS, 2007, apud RANINCHESKI E SILVA, 2012, tradução nossa). No segundo mandato, Evo promoveu uma nova Constituição com mudanças importantes nas formas de organização das terras comunais e na proteção do uso da mão de obra indígena (RANINCHESKI E SILVA, 2012, tradução nossa). A nova Constituição transformou a República da Bolívia em Estado Plurinacional Boliviano, para expressar que o país constituía múltiplas nações (DE ALCÂNTARA BENITES; ROSA; SEBEN, 2021).

A polarização que se formava no país ficou nu durante o processo de formação da Constituição do novo Estado Plurinacional da Bolívia. Enquanto negociava com a oposição, Morales também realizava tratativa com suas bases, compostas por organizações indígenas e camponesas. Cada passo dado em benefício de opositores atenuava as bases sociais que apoiavam o governo. (SCHAVELZON, 2012; PANNAIN, 2014, apud DE ALCÂNTARA BENITES; ROSA; SEBEN, 2021). A nova Constituição foi aprovada pelo voto popular em 25 de janeiro de 2009, depois de uma versão que não avançou⁶. A Carta Magna impôs regras ao Estado Plurinacional da Bolívia, como a que se tornou nos anos seguintes o estopim da crise que eclodiria em 2019: o limite para a reeleição presidencial. O novo texto constitucional previa um

⁶ Um texto constitucional prévio à Constituição de 2009 foi proposto pelo MAS e aprovado pela Assembleia Constituinte da Bolívia em 2007, em Oruro. O texto ficou conhecido como a “Constituição de Oruro”, mas não avançou por conta do impasse estabelecido entre oposição e governo sobre a autonomia de terras indígenas (DE ALCÂNTARA BENITES; ROSA; SEBEN, 2021). O texto recebeu críticas da oposição, que disse não ter participado do processo da forma como desejavam (G1, 2007).

mandato presidencial de cinco anos e uma reeleição. Evo não poderia se reeleger em 2014 porque havia sido eleito em 2006 e em 2009 (MARSH, 2015; WELP E LISSIDINI, 2016, apud DE ALCÂNTARA BENITES; ROSA; SEBEN). Mas em 2009 o MAS passou a articular mudanças constitucionais para permitir que Evo concorresse em 2014 (WELP E LISSIDINI, 2016, apud DE ALCÂNTARA BENITES; ROSA; SEBEN).

Em 2013, o Tribunal Constitucional Plurinacional (TCP) se manifestou favoravelmente a Lei de Aplicação Normativa enviada pelo Senado. A legislação considerava como primeiro mandato de Morales apenas aquele entre 2009 e 2014, excluindo os mandatos anteriores (DE ALCÂNTARA BENITES; ROSA; SEBEN, 2021). De acordo com De Alcântara Benites, Rosa, Seben (2021), para a Corte, estabeleceu-se um novo ordenamento jurídico no país com a fundação do Estado Plurinacional Boliviano. A interpretação gerou conflitos porque o limite a reeleição foi fruto de intensa negociação entre governo e oposição em um contexto violento, no qual foram relatados casos de confrontos físicos entre ambos os lados (WELP E LISSIDINI, 2016, apud DE ALCÂNTARA BENITES; ROSA; SEBEN, 2021). A tensão escalou quando Morales passou a articular a viabilidade de uma quarta reeleição em 2019. O MAS propôs a alteração de um artigo da nova Constituição através da Lei de Reforma Parcial da Constituição Política do Estado (CPE) para isso.

O texto foi aprovado, mas ainda precisava ser chancelado em um plebiscito. O plebiscito foi feito em fevereiro de 2016, mas a população disse não à possibilidade da quarta candidatura de Morales. O MAS recorreu e Evo se tornou elegível novamente em 2018 após o TCP alterar dispositivos constitucionais para revogar a limitação a reeleição (CLOSS, 2019). Em 2019, Evo concorria à presidência cercado de críticas da oposição que o acusava de ter rompido com o regime democrático. Ele foi reeleito no dia 24 de outubro de 2019, mas renunciou em 10 de novembro. A renúncia se deu por protestos radicais da oposição que perseguiram partidários de Morales e após ordem das Forças Armadas. Novas mobilizações tiveram início em regiões do país com maioria indígena para expressar apoio a Evo depois disso. A autoproclamação da senadora Jeanine Añez como presidente da república no dia 13 de novembro, em um Congresso sem quórum, agravou a instabilidade política e

escalou a violência das Forças Estatais contra civis, principalmente indígenas que se manifestavam contra o governo interino.

3. Os massacres

No dia da renúncia de Evo Morales, Luiz Fernando Camacho, opositor de Morales que não concorria à presidência, invadiu a sede do governo, em La Paz⁷. Com uma Bíblia e uma bandeira da Bolívia em mãos, ele entregou uma carta pedindo a renúncia do mandatário indígena⁸. Para Closs (2019), o momento representa um marco importante para a caracterização do processo que se desenrolava na Bolívia:

Com a declaração de que “sai a pachamama⁹, entra Deus” no palácio presidencial boliviano, este foi o momento-chave para que ficasse claro qual força política passava a dirigir o processo a partir de então: se, inicialmente, as principais forças políticas eram o masismo e o neoliberalismo, daquele momento em diante quem passou a comandar o Estado boliviano foi uma direita bastante mais violenta – e fascista (CLOSS, 2019, p. 24).

Camacho já foi chamado de “Bolsonaro boliviano” por conta do forte discurso religioso¹⁰. Em 2019, ele era presidente do Comitê Pró Santa Cruz, um conglomerado de entidades empresariais, vicinais e trabalhista de direita de Santa Cruz de La Sierra, cidade mais rica e maior reduto de oposição a Morales na Bolívia. Camacho foi um dos principais agitadores dos bloqueios e manifestações que exigiam a renúncia de Morales após a sua reeleição. O episódio mencionado aqui é um dos vários outros igualmente violentos que aconteceram na Bolívia naquele ano, especialmente contra indígenas. Novembro daquele ano foi o segundo mais mortal em termos de mortes de civis por forças estatais desde que a Bolívia começou sua transição para a democracia 40 anos atrás (BJORK-JAMES, 2020, tradução nossa). Os dias seguintes as eleições presidenciais bolivianas foram marcados por atos de discriminação e violência com conotação racista contra pessoas indígenas, inclusive mulheres (OACNUDH, 2020, tradução nossa). Em Vinto, dias antes da renúncia de Morales, a prefeita Patricia Arce,

⁷ Disponível em: < <https://erbol.com.bo/nacional/camacho-y-pumari-entran-palacio-con-la-carta-la-biblia-y-la-bandera>>. Acesso em: 2 nov. 2022.

⁸ Disponível em: <<https://www.france24.com/es/20191113-bolivia-luis-fernando-camacho-morales>>. Acesso em: 2 nov. 2022.

⁹ Máxima divindade na cosmovisão de povos indígenas andinos.

¹⁰ Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-50354666>>. Acesso em: 2 nov. 2022

do mesmo partido do então presidente, foi retrato de um caso emblemático da série de violações de direitos humanos testemunhados na Bolívia:

(...) um grupo, chamado “Resistencia Juvenil Cochala” a forçou a caminhar descalça por duas horas em meio a uma multidão de pessoas, com um claro propósito de incitar a violência contra ela. Depois disso, eles a encharcaram com gasolina, tintura, comida e urina, entre outras substâncias, e cortaram o seu cabelo. Em várias ocasiões, mecanismos de direitos humanos reportaram o uso de violência e desenvolvimento de ações policiais por parte deste grupo. No entanto, este tipo de ação não foi objeto de nenhuma investigação por parte das autoridades competentes (OACNUDH, 2020, p. 8 – 9, tradução nossa).

A Resistência Juvenil Cochala (RJC) foi um grupo civil armado opositor de Morales e apoiador do governo interino de Añez, criado em Cochabamba depois das eleições de 20 de outubro de 2019. A RJC se tornou uma das mobilizações violentas mais estruturadas do país (OACNUDH, 2020, tradução nossa) naquele ano. De acordo com o Alto Comissário da Organização das Nações Unidas para os Direitos Humanos (2020, tradução nossa), o grupo foi violento nas ações e no discurso, adotando tom incendiário contra povos indígenas, populações rurais e pessoas filiadas ou associadas ao MAS. Quando Evo renunciou a presidência, Jeanine parabenizou a RJC (AÑEZ, 2019, Twitter, tradução nossa). Uma multidão que pedia a renúncia de Morales também atacou e incendiou a casa de Esther Morales¹¹, irmã de Evo, dias depois da agressão a prefeita de Vinto. A violência contra ela aconteceu um dia antes da renúncia de Morales. Além destes, outros episódios de violação e hostilidades a indígenas aconteceram nos dias que se seguiram. Policiais até mesmo cortaram a Wiphala¹² de seus uniformes depois da renúncia de Evo Morales¹³.

3.1 Sacaba

¹¹ Disponível em: <<https://www.infobae.com/america/america-latina/2019/11/10/manifestantes-atacaron-la-casa-de-la-hermana-de-evo-morales/>>. Acesso em: 25 mai. 2022.

¹² Bandeira que representa povos indígenas do Bolívia e dos Andes, que durante a gestão de Morales também se tornou uma das bandeiras oficiais do Estado Plurinacional da Bolívia.

¹³ Disponível em: <https://www.diarioregistrado.com/internacionales/bolivia--policias-cortan-la-bandera-de-los-pueblos-originarios-de-su-uniforme_a5dc95d4c9563ae3f68e6f920>. Acesso em: 2 nov. 2022.

O massacre de Sacaba foi registrado cinco dias depois da renúncia de Evo, no dia 15 de novembro de 2019¹⁴. Pelo menos 11 civis indígenas foram mortos e 120 ficaram feridos após forças de segurança terem aberto fogo contra manifestantes na estrada principal que passa por Sacaba (ALVELAIS ET AL., 2020, tradução nossa), cidade que fica nos arredores de Cochabamba. Testemunhas afirmaram que o número de feridos pode ter sido maior porque muitas vítimas tiveram medo de registrar o ocorrido ao governo (ALVELAIS ET AL., 2020, tradução nossa). Nenhuma força estatal foi morta ou ferida, de acordo com as autoridades bolivianas (ALVELAIS ET AL., 2020, tradução nossa). Segundo testemunhos recolhidos pela Anistia Internacional (2020, tradução nossa), manifestantes marcharam pacificamente até a cidade de Cochabamba naquele dia para protestar contra o governo interino e a discriminação às mulheres de pollera¹⁵. Entre os manifestantes, centenas vinham da região do Chapare, como plantadores de folha de coca¹⁶, e seguiam rumo a La Paz (ALVELAIS ET AL., 2020, tradução nossa). Também havia meninos, meninas e idosos (ANISTIA INTERNACIONAL, 2020, tradução nossa).

Os testemunhos sinalizam que por volta de três da tarde os manifestantes chegaram à Ponte Huayllani, no município de Sacaba, onde foram detidos por um contingente da polícia e atrás deles o Exército. Diante da polícia estavam estacionados um tanque e um carro Neptuno²¹ e nas imediações sobrevoava um helicóptero. Os manifestantes pediram que a polícia abrisse o caminho para cruzar a ponte. A polícia teria pedido a eles que esperassem 30 minutos. Os testemunhos apontam que, após quase uma hora, sem aviso prévio, a polícia começou a disparar gás lacrimogêneo nos manifestantes (ANISTIA INTERNACIONAL, 2020, p. 16, tradução nossa).

Entre os manifestantes, alguns conseguiram fugir sozinhos, outros carregando crianças, enquanto outros vomitavam e caíam por asfixia (ANISTIA INTERNACIONAL, 2020, tradução nossa). Trinta minutos depois a polícia e o exército começaram a disparar balas de borracha e reais contra a manifestação (ANISTIA INTERNACIONAL, 2020, tradução nossa). Alguns dos baleados foram atingidos

¹⁴ Disponível em: <<https://crisis24.garda.com/alerts/2019/11/bolivia-at-least-five-dead-in-sacaba-amid-nationwide-protests-november-15-update-32>>. Acesso em: 2 nov. 2022.

¹⁵ Ato de racismo e discriminação estavam sendo relatados contra mulheres indígenas ou de origem indígena e camponesas, que usam a vestimenta tradicional (CIDH, 2019, tradução nossa).

¹⁶ Produtores de folha de coca, simbólica na cultura boliviana. A planta, em seu estado natural, tem uso cultural/ancestral aparentemente inofensivo à saúde. Geralmente, é mascada ou utilizada em forma de chá. (BARRETO, 2013)

enquanto ajudavam manifestantes feridos (ANISTIA INTERNACIONAL, 2020, tradução nossa).

3.1 Senkata

O massacre de Senkata aconteceu na cidade de El Alto apenas quatro dias depois do massacre de Sacaba. O bairro altenho onde pessoas também se manifestavam contra o governo interino de Jeanine Añez¹⁷ foi alvo de uma operação das forças estatais bolivianas que resultou na morte de pelo menos 11 civis e 72 feridos (ALVELAIS ET AL., 2020, tradução nossa,). Todas as vítimas eram indígenas e nenhum soldado ou policial foi baleado, assim como aconteceu em Sacaba (ALVELAIS ET AL., 2020, tradução nossa). Foram utilizadas balas de borracha e munição real¹⁸ contra manifestantes indígenas e transeuntes que estavam próximos da planta de gás do bairro (ALVELAIS ET AL., 2020, tradução nossa). A planta foi local chave de protesto durante anos, inclusive durante o governo do MAS, devido a sua localização estratégica (ALVELAIS ET AL., 2020, tradução nossa). É dela que sai a gasolina, diesel e gás liquefeito de petróleo (GLP) que abastece a metrópole de La Paz, capital federal da Bolívia, e outras cidades do país (ANISTIA INTERNACIONAL, 2020; YPFB, 2021, tradução nossa). Na Guerra do Gás em 2003, manifestações pacíficas semelhantes ocorreram ao redor da planta, com milhares de moradores de El Alto protestando contra a violência do então presidente Sánchez de Lozada (ALVELAIS ET AL., 2020, tradução nossa).

Um número significativo de feridos e mortos em Senkata foi levado para o Hospital Holandês (ANISTIA INTERNACIONAL, 2020, tradução nossa). De acordo com uma testemunha, os médicos daquele hospital se recusaram a prestar assistência médica a alguns dos feridos (ANISTIA INTERNACIONAL, 2020, tradução nossa). Pelo menos uma testemunha relatou irregularidades na autópsia de seu

¹⁷ Disponível em: < <https://www.bbc.com/mundo/noticias-america-latina-50414592.amp>>. Acesso em: 2 nov. 2022.

¹⁸ Apesar de Alvelais et al. (2020, tradução nossa) utilizar o termo munição real, o termo bala de chumbo pode ser o mais adequado, uma vez que balas de borracha também são reais e também podem ocasionar ferimentos graves.

familiar, incluindo a mudança de classificação¹⁹ da bala letal pelo examinador (ANISTIA INTERNACIONAL, 2020, tradução nossa). Familiares marcharam com os caixões dos falecidos de El Alto até La Paz para exigir justiça, mas a procissão foi bloqueada pelo exército, que lançou gás lacrimogêneo contra eles²⁰.

4. Metodologia

Na análise a seguir, vamos observar como os manifestantes contrários à presidente interina da Bolívia Jeanine Añez foram representados nos enquadramentos do jornal boliviano *Página Siete*, durante os massacres de Sacaba e Senkata. Para o estudo, recorreremos a análise de enquadramento (ENTMAN, 1993, tradução nossa) para esquematizar os principais quadros atribuídos pelo *Página Siete* aos manifestantes. Em seu conceito de enquadramento, Entman (1993, tradução nossa) se volta para os *frames* (quadros) utilizados na cobertura jornalística. Para ele, os quadros destacam algumas informações sobre um item que é o assunto de uma comunicação, elevando-os em saliência (ENTMAN, 1993, p. 53, tradução nossa). Ou seja, essa saliência significa tornar bits de uma informação mais noticiável, significativa ou memorável para a audiência (ENTMAN, 1993, p. 53, tradução nossa). Para trabalhos envolvendo enquadramentos, Entman (1993, tradução nossa) pontua cinco passos para a análise de produtos noticiosos, com o objetivo de verificar o que é destacado e ocultado pela mídia em uma cobertura:

1. A identificação do problema;
2. A definição de causas e consequências,
3. Atores envolvidos;
4. A construção de soluções;
5. As avaliações morais.

¹⁹ Mudar a classificação da bala letal pode significar, por exemplo, classificá-la como não letal quando na verdade ela é letal.

²⁰ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=L4QjttixrDM>>. Acesso em: 2 nov. 2022.

Assim, analisamos uma seleção de notícias veiculadas no dia de ambos os episódios orientados pela pergunta:

1. Que enquadramentos foram dados pelo *Página Siete* a manifestantes contrários a Añez durante os massacres de Sacaba e Senkata em 2019?

O campo de análise é o jornal boliviano *Página Siete*. A seleção das notícias que serviram de dados para a realização da análise se deu através da ferramenta de busca do site, que permite realizar buscas com um filtro que seleciona dia, mês e ano. As análises para esse trabalho abrangeram os dias 15 e 19 de novembro de 2019, respectivamente, dia dos massacres de Sacaba e Senkata. O corpus de análise é constituído de 145 matérias jornalísticas, entre notícias e reportagens, conforme mostra a Tabela 1 (abaixo).

TABELA 1
Matérias coletadas no *Página Siete*

Dia	Quantidade de notícias
Massacre de Sacaba ²¹	71
Massacre de Senkata ²²	74

FONTE – Elaboração dos autores.

Para uma visualização do material a ser analisado neste trabalho, a Tabela 2 traz alguns títulos de notícias do jornal *Página Siete* no período analisado.

²¹ Lista de todas as notícias coletadas no dia do massacre de Sacaba: <<https://drive.google.com/file/d/1R-PT35BPnOQ63OhAOKCe2Duodl7OkSOX/view?usp=sharing>>. Acesso em: 4 dez. 2022.

²² Lista de todas as notícias coletadas no dia do massacre de Senkata: <https://drive.google.com/file/d/1dhPlm1tzgkw-BG1NvKfg_FvLixDAU820/view?usp=sharing>. Acesso em: 4 dez. 2022.

TABELA 2

Títulos de algumas das matérias coletadas no *Página Siete*

Massacre de Sacaba	Massacre de Senkata
Apesar de militarização, cocaleiros e camponeses entraram em Sacaba	Cisternas com combustíveis que saíram de Senkata começam a chegar a La Paz”
Cinco falecidos e dezenas de feridos fruto de enfrentamentos em Sacaba	Derrubam muros da planta da YPFB em El Alto e notificam um morto
Governo confirma 5 mortes em Sacaba e anuncia diálogo com mediação da ONU	Simpatizantes de Evo tentam incendiar a planta de Senkata em El Alto
Defensoria pede investigação imediata por mortes em Sacaba	Ministro de Defesa: O Exército não disparou nenhuma bala em Senkata

FONTE – Elaboração dos autores.

4. A análise

Com base nas funções de enquadramento de Entman (1993, tradução nossa), o problema identificado pela cobertura do *Página Siete* durante os massacres de Sacaba e Senkata são os próprios manifestantes, especificamente os que eram contrários ao governo interino de Añez. O jornal caracteriza frequentemente este grupo como “simpatizantes do MAS” ou “simpatizantes de Evo”. São várias notícias publicadas no dia dos massacres de Sacaba e Senkata que caracterizam o movimento apenas como o causador de distúrbios para o restante da população boliviana. Assim, as vítimas são tratadas, pelo jornal, como causadoras dos problemas. Com a manchete “Relatam atos de terror com estrangeiros, ataques psicológicos e a bens públicos”, uma publicação feita no dia do massacre de Sacaba destaca na linha fina²³: “Manifestações massivas e violentas colocaram os cidadãos em uma situação de vulnerabilidade faz cinco dias; o terrorismo psicológico é outra das armas que amedrontam a gente”. (PÁGINA SIETE, 2019, tradução nossa). A publicação em tom dramático informa que a cidade de La Paz tinha sido mergulhada em terror e ameaças desde a renúncia de Evo Morales. O periódico diz que a televisão tinha confirmado que grupos “simpatizantes do MAS” se preparavam para atacar diferentes zonas.

O enquadramento que coloca os manifestantes contrários a Añez como problema não é encontrado nas referências do jornal aqueles que se manifestaram contra Evo Morales. Na manchete “Volta à normalidade Santa Cruz e em Yapacani

²³ No jargão jornalístico, linha fina é o termo usado para se referir ao subtítulo de uma matéria. Geralmente aparece abaixo do título e serve para completar seu sentido ou expor outras informações.

começa a angústia", publicada no dia do massacre de Sacaba, o jornal informa a "angústia" causada por manifestações contrárias a Añez que tinham acabado de começar em Yapacani, mas resume com naturalidade o que fizeram manifestantes contrários a Evo na mesma notícia. Esses manifestantes foram enquadrados sem utilização de adjetivos negativos e sem atribuição de culpa dos impactos do movimento para o funcionamento do país. Em dado momento, o movimento foi descrito pelo jornal como "21 dias que valerão a pena":

Assim se passaram 21 dias, um presidente foi trocado e a Bíblia foi trazida ao palácio. Com isso, muitas pessoas nas ruas comemoraram a nova presidente com alegria e foguetes e levantaram suas cadeiras dos cantos. A medida foi concluída e valeu a luta. Agora era hora de ir para casa e retomar as rotinas de escola e trabalho. Desde quarta-feira, as empresas começaram a funcionar, o tráfego de veículos foi retomado, os hospitais tiveram um grande fluxo de pacientes e as empresas reativaram totalmente seus serviços. Os bloqueios desapareceram das ruas e o ritmo de vida voltou ao normal. A legislatura departamental instalou suas sessões para começar a trabalhar, porque agora é preciso trabalhar. (PÁGINA SIETE, 2019, tradução nossa).

Por outro lado, observa-se que o jornal sustenta dois fatores como causas do problema identificado nesta análise. Ora este motivo é enquadrado como sendo o comportamento do próprio Evo Morales, ora o comportamento de seu partido, o MAS. Essa articulação discursiva fica clara nas reiteradas identificações que o periódico faz dos manifestantes que se opõem a Añez, como "simpatizantes do MAS" ou do próprio Evo Morales, como forma de esvaziar os protestos. Na manchete "Relatam atos de terror com estrangeiros, ataques psicológicos e a bens públicos", do dia do massacre de Sacaba, o *Página Siete* realiza esse enquadramento ao apresentar a opinião de um especialista em segurança e defesa, que afirma que o movimento de manifestantes contrários a Añez tinha um líder, e que dentro do MAS pessoas tinham contratado camponeses peruanos para treinar camponeses bolivianos. Ainda que não cite Evo Morales, a fonte sinaliza que se tratava do ex-mandatário: "Há alguém que os encoraja e quer dizer à população: 'ainda tenho o meu povo' e assim gerar medo". (PÁGINA SIETE, 2019, tradução nossa). Assim, os manifestantes aparecem no discurso como grupos instrumentalizados pelo próprio Morales.

Em outra manchete, desta vez publicada no dia do massacre de Senkata, o periódico destaca: "Fracassa o diálogo para pacificar o país pela ausência de

delegados do MAS”. A publicação informa que o diálogo convocado para pacificar o país tinha fracassado porque representantes do MAS não tinham comparecido a uma reunião entre representantes da igreja católica, organismos internacionais e políticos opositores de Morales. A notícia informa no corpo do texto que os ex-ministros Hector Arce e Carlos Romero disseram não ter comparecido porque não havia garantia e nem segurança para que eles chegassem até o ponto de encontro. O jornal não menciona ao que se refere propriamente a afirmativa de Arce e Romero, mas ela tratava da onda de violência de opositores contra autoridades vinculadas ao MAS. Em outra publicação, também no dia do massacre de Senkata, o jornal publica a manchete: “Simpatizantes do MAS dividem dinheiro depois de causar terror nas ruas”. A linha fina da matéria diz que “segundo o ex-defensor Villena os grupos respondem a Evo”, o que sustenta novamente o enquadramento de Morales ou MAS como o causador do problema.

Como soluções, a partir do problema e causas identificadas pela análise, o jornal aponta o governo interino de Añez e a paralisação dos protestos de manifestantes contrários a ele. Estes fatores são apontados como uma saída para pacificar o país. O *Página Siete* enquadra de forma positiva o governo interino de Añez e as medidas tomadas por ele dentro do país, mas não menciona as críticas em torno dele e a forma como se deu a sua autoproclamação. No dia do massacre de Senkata, o periódico disse que o governo interino tinha legitimidade para reconduzir a política externa do país e expôs opinião de especialistas confirmando a constitucionalidade do governo de Añez, que estava sendo questionada por seus opositores. A notícia foi publicada em meio às críticas contra mudanças importantes que vinham sendo feitas pelo governo interino no que tangia a política exterior, mesmo sendo este um governo transitório. Entre estas medidas, estiveram o corte de relações com o governo de Nicolás Maduro, a demissão de funcionários cubanos da Brigada Médica Cubana do país, a demissão de funcionários da embaixada da Venezuelana e a saída da Bolívia da Aliança Bolivariana para as Américas (Alba, da sigla em espanhol) e da União de Nações Sul-americanas (Unasur, da sigla em espanhol). O jornal enquadra essas medidas como “legítimas para o país”, segundo especialistas em direito internacional, a quem tinham escutado.

Outra manchete do dia do massacre de Senkata mostra a declaração do então chefe da diplomacia estadunidense Mike Pompeo, e reforça o enquadro dado pelo jornal às atitudes do governo de Añez: “EUA elogia Bolívia pela expulsão de cubanos”. Já no dia do massacre de Sacaba, o *Página Siete* informa o comunicado do secretário geral da Organização dos Estados Americanos (OEA), Luis Almagro. Ele tinha manifestado apoio a presidente interina e se comprometido com o apoio às novas eleições. A OEA foi a organização que emitiu o relatório que apontava a suposta fraude na eleição boliviana, o que escalou as manifestações contra Evo Morales a patamares ainda maiores depois das eleições de outubro daquele ano. O relatório foi amplamente divulgado pela mídia estrangeira e boliviana, mas em 2020 a mídia americana reconheceu que o documento era falho, e que nele havia erros²⁴.

Os principais atores envolvidos diretamente nos massacres são: suas vítimas, neste caso os manifestantes contrários a Añez, que são frequentemente caracterizados como “simpatizantes de Evo” pelo *Página Siete*; e as Forças Armadas e Polícia Boliviana, protagonistas da violência praticada contra os manifestantes. As Forças Armadas e Polícia Boliviana tiveram mais voz ativa durante a cobertura, tendo a sua versão como principal durante toda a cobertura anterior ao massacre. O jornal dá algum espaço aos manifestantes contrários a Añez depois dos massacres, mas já como vítimas e não como cidadãos insatisfeitos politicamente com a configuração política do seu país. Observa-se que este espaço foi amplamente dado aos manifestantes contrários a Morales, que aparecem como atores secundários durante a cobertura jornalística no dia dos massacres. Outro ator secundário é também a presidente interina Jeanine Añez.

No julgamento moral dado aos manifestantes contrários a Añez, o jornal os enquadra como “violentos” e como culpados pelas mortes que tinham sido registradas no país desde o final das eleições, mesmo tendo sido eles vítimas dos dois massacres. Enquanto isso, os manifestantes contrários a Morales recebem uma avaliação moral positiva do *Página Siete* à medida que o jornal os enquadra como vítima, mesmo tendo eles bloqueado rodovias, violentado autoridades do MAS, impedido a posse de

²⁴ Disponível em: <<https://theintercept.com/2020/06/09/midia-americana-oea-eleicao-bolivia/>>. Acesso em: 20 dez. 2022.

governadores, provocado a renúncia de autoridades, ameaçado e violentado indígenas no país. Esse julgamento moral pode ser observado em uma publicação do dia do massacre de Senkata, que resume o movimento contrário a Evo como de “defesa do voto”, enquanto caracteriza o movimento contrário a Añez como “violento”:

No dia 21 de outubro, um dia depois das eleições nacionais, sobre as quais foram desencadeadas suspeitas de fraude, começaram os protestos em defesa do voto. À estas, seguiram-se mobilizações violentas, com saques e ataques a cidadãos, promovidas por setores ligados ao ex-presidente Evo Morales, que renunciou e deixou a Bolívia depois que a OEA emitiu um relatório confirmando a fraude eleitoral. Foi durante os ataques dos simpatizantes do MAS aos cidadãos mobilizados que as mortes começaram a ser registradas. De acordo com a Comissão Interamericana de Direitos Humanos (CIDH), as mortes começaram em 30 de outubro e até agora houve 23 mortes, uma não identificada. O governo ainda não divulgou um número oficial de mortos. (PÁGINA SIETE, 2019, tradução nossa).

Este trecho foi removido de uma publicação que informa que o Conselho Nacional de Defesa da Democracia (Conade) tinha pedido para investigar as mortes registradas no país e para respeitar os direitos humanos. Na linha fina, o *Página Siete* também avalia positivamente a ação das Forças Armadas: “Analistas dizem que as Forças Armadas cumprem um ‘papel fundamental neste momento de comoção’. Acrescentam que o DS 4078 não liberará de responsabilidade os militares”. A notícia suaviza não apenas as críticas ao decreto de Añez que tinha eximido de responsabilidade os militares, mas também as denúncias contra os abusos cometidos pela força estatal contra manifestantes contrários a Añez. Essa avaliação moral positiva também é dada à Polícia Boliviana, quando no dia do massacre de Senkata o *Página Siete* publica a manchete: “Olha como os vizinhos convidam os policiais para almoçar”. Na linha fina, a publicação enquadra os policiais como servidores dedicados a cuidar da Bolívia: “Temos que cuidar deles, eles estão lá desde muito cedo até altas horas e queremos ajudar com um prato de comida”, disse o dono do restaurante”. (PÁGINA SIETE, 2019, tradução nossa).

Importante destacar que a matéria foi publicada depois do massacre de Sacaba, onde forças estatais já tinham se envolvido em atos de violência com resultado de morte contra manifestantes contrários a Añez.

Para sintetizar nossos achados, a tabela 6 apresenta os principais enquadramentos observados pela análise durante a cobertura do *Página Siete* nos

dias dos massacres de Sacaba e Senkata, em 2019, a partir das funções de enquadramento de Entman (1993, tradução nossa) que foram ajustados para essa análise.

TABELA 3

Principais enquadramentos atribuídos pelo *Página Siete* durante os massacres de Sacaba e Senkata.

Função do enquadramento	Definição
Identificação do problema	Manifestantes contrários a Añez.
Identificação de causas	Evo Morales, identificado como fomentador das manifestações contrárias a Añez. MAS, também apontado como fomentador e organizador das manifestações contrárias a Añez.
Atores envolvidos	Manifestantes contrários a Añez, manifestantes contrários a Evo, Jeanine Añez, Forças Armadas e Polícia Boliviana.
Resoluções	Aceitação da constitucionalidade do governo interino de Añez. Fim das manifestações contrárias a Añez, em nome da pacificação do país.
Avaliação moral	Manifestantes contrários a Añez são “simpatizantes de Evo”, causam distúrbios na população, são vândalos, terroristas, não protestam legitimamente, são responsáveis pelo “caos” que vive o país e pelas mortes registradas na Bolívia. Manifestantes contrários a Evo Morales são civis organizados, insatisfeitos com o governo de Morales e com o resultado da eleição que o elegeu, estão apenas protestando, não estão causando distúrbios ao país, são simpáticos com as forças estatais bolivianas, protestam porque há motivos. Governo interino de Añez é constitucional, suas medidas são corretas e podem ser tomadas, sua instalação representa o bem para o país. As Forças Armadas e a Polícia Boliviana estão apenas cumprindo o seu papel.

FONTE – Elaboração dos autores.

5. Considerações finais

Nosso resultado aponta que o *Página Siete* enquadraram os manifestantes contrários a Añez como um problema, sendo Evo Morales e o MAS as suas causas.

Tanto o MAS quanto Morales foram apontados diversas vezes como fomentadores e agitadores das manifestações. Como solução desse problema, o jornal boliviano aponta a aceitação da constitucionalidade do governo interino de Añez, assim como o fim das manifestações contrárias a ele. Já os atores identificados na cobertura do *Página Siete* são os manifestantes contrários a Añez, que receberam uma avaliação moral negativa, sendo enquadrados como um problema, apenas “simpatizantes de Evo”, vândalos, causadores do caos; os manifestantes contrários a Morales, que recebem avaliação moral positiva, sendo enquadrados apenas como civis mobilizados, mesmo tendo eles, na época, bloqueado o país, impedido a posse de governadores, protagonizados diversos episódios de violência contra apoiadores de Evo, até mesmo contra indígenas; a própria Jeanine Añez, que também recebe uma avaliação moral positiva, sendo apontada como uma solução para a crise e manifestações que estavam sendo protagonizadas no país; e as Forças Armadas e Polícia Boliviana, que também recebem avaliação moral positiva, sendo enquadrados apenas como instituições que cumpriam o seu papel. Apesar de não ser possível afirmar até que ponto a cobertura influenciou esse julgamento negativo, é fato que o jornal atuou através de seus enquadramentos para a construção de um sentido comum negativo sobre os manifestantes contrários a Añez. Essa constatação torna-se mais grave diante da constatação de enquadramentos nos quais o *Página Siete* chancela a ação das Forças Armadas em matérias publicadas no dia dos massacres. Ao enquadrar a ação de um Estado boliviano interino, que reprime e mata indígenas que se manifestavam contra esse mesmo estado, de forma positiva, o jornal influencia um julgamento moral positivo sobre as atrocidades cometidas durante os massacres de Sacaba e Senkata. O jornal também contribui para justificar a ação violenta. Com este trabalho, entendemos como os manifestantes foram vítimas de violência estatal com resultado de morte, tendo sido retratados como um problema e não como as vítimas que realmente foram.

Referências

ALVELAIS, Fabiola et al. ‘They Shot Us Like Animals’: Black November & Bolivia’s Interim Government. **International Human Rights Clinic (IHRC) at Harvard Law School and University Network for Human Rights (UNHR)**, July, v. 27, 2020.

AMNISTÍA INTERNACIONAL. **Para sanar la pandemia de impunidad. 20 recomendaciones en materia de derechos humanos a las personas candidatas en las elecciones presidenciales 2020 en Bolivia.** 2020.

BARRETO, Ivan Farias. O uso da folha de coca em comunidades tradicionais: perspectivas em saúde, sociedade e cultura. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, v. 20, p. 627-641, 2013.

BJORK-JAMES, Carwil. Mass protest and state repression in bolivian political culture: putting the gas war and the 2019 crisis in perspective. **Human Rights Program. Harvard Law School**, 2020.

BOFF, Ricardo Bruno; FRANCO, Samia. Ascensão e queda do governo Evo Morales na Bolívia (2006-2019) sob o prisma da “sociedade abigarrada”. **Monções: Revista de Relações Internacionais da UFGD**, v. 10, n. 20, p. 519-548, 2021.

CLOSS, Marília. **Eleições, instabilidade e golpe na Bolívia: breve análise do mês acelerou a crise política do país.** Boletim OPSA, Rio de Janeiro, n. 4, p. 21-25, out./dez. 2019.

DE ALCÂNTARA BENITES, Gabriel Nascimento; ROSA, Lara Tomazzini; SEBEN, Leonardo Beheregaray. A Situação no Estado Plurinacional da Bolívia em 2019. **FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS**, p. 350.

ENTMAN, Robert M. **Framing: Towards clarification of a fractured paradigm.** *McQuail's reader in mass communication theory*, v. 390, p. 397, 1993.

OFICINA DEL ALTO COMISIONADO DE LAS NACIONES UNIDAS DE DERECHOS HUMANOS (OACNUDH). **La situación de los derechos humanos tras las elecciones generales del 20 de octubre de 2019 en Bolivia.** 2020.

RANINCHESKI, Sonia Maria; SILVA, Giovani José da. Bolivia, siglos XX y XXI: Pluriculturalismo, indigenismo y política. **Relaciones Internacionales**, 2012.

TREJO, Guillermo. Etnicidad y Movilización Social: Una Revisión Teórica con Aplicaciones a la ‘Cuarta Ola’ de Movilizaciones Indígenas en América Latina. **Política y Gobierno**, vol. 7, no 1. 2000.